

INTERDISCIPLINARIDADE EM TELA: EXPERIÊNCIAS COM A LINGUAGEM FÍLMICA NA EDUCAÇÃO.

INTERDISCIPLINARIEDAD EN PANTALLA: EXPERIENCIAS CON EL LENGUAJE FÍLMICO EN LA EDUCACIÓN.

Joyce de Almeida BORGES
albojoyceueg@gmail.com

Formada em Geografia, doutora em Educação e docente da UEG-Campus (Cora Coralina).
<https://lattes.cnpq.br/3966583582636488>

Resumo

A produção cinematográfica é um texto gerador. O filme é uma importante ferramenta didática, de mesmo valor equiparado ao uso de jornais, histórias em quadrinhos, literaturas, pinturas, reportagens, dados gráficos, mapas e documentos históricos nas salas de aula. Partindo deste pressuposto, a temática deste artigo está direcionada a prática em sala de aula com uso de filmes para estudantes dos Cursos de Turismo e Patrimônio, Letras, Geografia, História e Matemática no Campus-Cora Coralina da Cidade de Goiás. A construção se deu por meio de prática docente em 15 anos de experiências inicialmente com a moçada em escolas públicas e particulares, e posteriormente com a atuação em cursos noturnos da Universidade Estadual de Goiás. Nesta caminhada, vários filmes se fizeram presentes para problematizar temáticas das mais diversas, e os resultados deste exercício, iremos mostrar neste escrito, partindo das experiências realizadas em oficinas, círculos de debates e aulas comuns dos currículos disciplinares elencados.

Palavras-chave: Cinema nacional. Interdisciplinaridade. Protagonismo estudantil. Temáticas adversas.

Resumen

La producción cinematográfica es un texto generador. El cine es una importante herramienta didáctica, con el mismo valor que el uso de periódicos, cómics, literatura, pinturas, informes, datos gráficos, mapas y documentos históricos en las aulas. Partiendo de este supuesto, el tema de este artículo está dirigido a la práctica en el aula utilizando Películas para estudiantes de los Cursos de Turismo y Patrimonio, Literatura, Geografía, Historia y Matemáticas del Campus-Cora Coralina de la ciudad de Goiás. La construcción se realizó a través de la práctica docente en 15 años de experiencia con jóvenes en escuelas públicas y privadas, y posteriormente con la actuación en cursos nocturnos en la Universidad Estadual de Goiás. En este recorrido estuvieron presentes varias películas para problematizar los más diversos temas, y los resultados de este ejercicio, los mostraremos en este escrito, a partir de las experiencias realizadas en talleres, círculos de debate y clases comunes de los currículos enumerados.

Palabras claves: Cine nacional. Interdisciplinaridad. Protagonismo estudantil. Temáticas adversarios.

Considerações iniciais

Escrever sobre o cinema no Brasil e na sala de aula me trouxeram memórias e reflexões que me fizeram voltar no tempo e relembrar um Brasil, que já se foi e ao mesmo tempo pensar questões que são urgentes para as novas gerações. O cinema e os livros nos possibilitam a inserção em mundo que não conhecemos, propiciam a imersão em realidades diversas e nos faz sair da zona de conforto, imaginando outros cenários possíveis, outras narrativas e outros mundos. A primeira vez que fui ao Cinema, eu tinha 7 anos de idade, e fui assistir o filme “Lua de Cristal” da Xuxa, nunca me esqueci desse dia. Esse filme é exatamente do ano de 1990. Havia fantasias, romances, musicais e tinha o Sérgio Malandro com um dos atores da trama.

Naquela época ir ao cinema era um evento e tanto, e quando íamos era bem raro. Posteriormente, voltei às telas já maior, já adolescente. Me recordo de momentos culturais promovidos pelas escolas que estudei, as quais nos levavam em espetáculos circenses, teatrais etc. Nesta etapa, me recordo de outro clássico que assistimos nas telas “*Titanic*¹”. Tive colegas que foram no cinema várias vezes para assistir este mesmo filme. E era assim, com os filmes mais populares que tive o acesso a este universo.

Neste ínterim, este artigo se divide em três partes. A primeira, reporta um pouco da chegada do cinema no Brasil, seus impactos, mudanças e perspectivas históricas e políticas. A segunda traz dados que exemplificam as possibilidades fílmicas na sala de aula, além de trazer uma relação de nomes possíveis de relatos críticos apresentados no Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA).

E a terceira parte, nos traz elementos ligados aos debates em sala de aula, com filmes e documentários utilizados nos últimos anos. Essa parte evidencia dificuldades, desafios e as questões positivas tratadas quanto ao uso desta ferramenta em cursos de Licenciatura e Turismo. Nesta etapa, elegemos alguns filmes e documentários para comentar e expor as experiências didáticas.

1.O cinema no Brasil

Os irmãos italianos Paschoal Affonso e Segreto podem ser considerados os primeiros cineastas do país, realizaram gravações da Baía de Guanabara em 19 de junho² de 1898, sendo

¹ Estima-se que 135 milhões de pessoas assistiram este filme de 1997, com relançamentos em 2012 e 2013. Outro clássico que narrava a história de uma tripulação durante a Segunda Guerra Mundial dirigido por James Cameron.

² Dia Nacional do Cinema Brasileiro.

este o dia nacional do cinema no Brasil. A estruturação do mercado cinematográfico se deu na década seguinte.

Naquela época, a falta de eletricidade dificultava a implantação de salas de cinema, muitas das quais possuíam suas próprias equipes de filmagem. A maior parte dos filmes exibidos, no entanto, era importada de outros países – principalmente da Europa. Os primeiros filmes gravados no país foram, em sua maioria, documentais. O primeiro longa-metragem foi *O Crime dos Banhados* (1914), dirigido por Francisco Santos.

A história do Cinema Brasileiro é marcada pelo cinema mudo, pelas chanchadas e a execução de longas e curtas metragens. Documentários foram e continuam sendo exibidos, e esta produção denota valor, apreciação e temas sociais e educativos bastante amplos. Clássicos do cinema nacional precisam ser lembrados como as inesquecíveis história do Mazzaropi, O cangaceiro, Vidas secas e o Pagador de promessas. Minha família, pode ser considerada a típica família de poucos recursos, as quais as atividades televisivas faziam parte da rotina semanal, dos fins de semanas e férias. Não viajávamos, não tínhamos grandes opções de entretenimento, assistir filmes era uma alternativa de lazer, expressiva entre a nossa geração³ que ainda fez bastante uso das televisões, das fitas VHS, frequentamos locadoras de filmes, e assim como na música do Cazuza, assistíamos as chamadas sessões “Coruja”, as sessões “da tarde⁴”, reuníamos no domingo à noite para assistir os “trapalhões”, que tornou-se filmes de público expressivo.

De acordo com a professora da AIC Lucilene Pizoquero na história do cinema brasileiro alguns filmes são imprescindíveis de serem recordados e apontados aqui como pesquisa, memória e destaque para que não percamos de vista as raízes e as temáticas iniciais mencionadas:

Tabela 01-Primeiros filmes nacionais brasileiros
<i>Barro Humano</i> (1929), de Adhemar Gonzaga
<i>Sangue Mineiro</i> (1929), de Humberto Mauro
<i>Limite</i> (1931), de Mário Peixoto
<i>Ganga Bruta</i> (1933), de Humberto Mauro
<i>Carnaval Atlântida</i> (1953), de José Carlos Burle e Carlos Manga

³A autora aqui é nascida no ano de 1984. Neste momento histórico, o período de abertura política no Brasil, enfrentamos dificuldades com a inflação, mesmo após a ditadura militar, além disso, acompanhei várias transformações tecnológicas, como por exemplo, presenciei a chegada da televisão a cores, ouvi músicas no Vinil, acompanhei a chegada do celular, do DVD, do computador e demais mudanças que impactaram a juventude dos anos 1980 e 1990. Ser fruto deste processo me fez um ser humano com grande capacidade de adaptação e ao mesmo tempo alguém que tem um pensamento dinâmico, passível de mudanças. Sou fruto da geração Y (*Millenials*), posso dizer que vivi minha infância no período analógico e a adolescência já apresentava alguns sinais das tecnologias, mas ainda muito restrito.

⁴ Entre os filmes que assistíamos bastante nos anos de 1990, “Esqueceram de mim” (Macaulay Culkin).

<i>Sinhá Moça</i> (1953), de Tom Payne e Oswaldo Sampaio
<i>O Cangaceiro</i> (1954), de Lima Barreto
<i>O Pagador de Promessas</i> (1962), de Anselmo Duarte
<i>Deus e o Diabo na Terra do Sol</i> (1964), de Glauber Rocha
<i>São Paulo, Sociedade Anônima</i> (1965), de Luiz Sérgio Person
<i>Terra em Transe</i> (1967), de Glauber Rocha
<i>O Bandido da Luz Vermelha</i> (1968), de Rogério Sganzerla
<i>Matou a Família e Foi ao Cinema</i> (1969), de Júlio Bressane
<i>O Homem que Virou Suco</i> (1981), de João Batista de Andrade
<i>Cabra Marcado para Morrer</i> (1984), de Eduardo Coutinho
<i>Central do Brasil</i> (1998), de Walter Salles
<i>Notícias de uma Guerra Particular</i> (1999), de João Moreira Salles e Kátia Lund
<i>O Invasor</i> (2002), de Beto Brant
<i>Cidade de Deus</i> (2002), de Fernando Meirelles
<i>Jogo de Cena</i> (2007), de Eduardo Coutinho

Organização: BORGES, Joyce de Almeida. (2026).

Fonte: <https://www.aicinema.com.br/a-historia-do-cinema-brasileiro>

Parte destes filmes eram exibidos pela Rede globo, geralmente um ano após o lançamento oficial. Cenas marcantes destas produções clássicas ficaram em nosso imaginário. E estes filmes, ainda hoje são reprisados pela importância histórica e por comporem regionalidade, paisagens características, particularidades, alguns com enredos de artistas que se tornaram muito famosos e outros com atores e atrizes mais desconhecidos (as). O filme brasileiro "Cidade de Deus" recebeu mais de 50 prêmios internacionais com 4 indicações ao Oscar (Direção, Roteiro Adaptado, Fotografia e Montagem), embora não tenha levado nenhuma estatueta. O diretor foi Braúlio Montavani. Já o filme "*Central do Brasil*" de 1998, dirigido por Walter Salles, recebeu 17 prêmios em 16 festivais e eventos internacionais⁵.

Figura 01: Cenas de *Central do Brasil* e *Cidade de Deus*



⁵ Entre as principais conquistas estão o Urso de Ouro de Melhor Filme no Festival de Berlim e o Globo de Ouro de Melhor Filme em Língua Estrangeira.

Organização: BORGES, Joyce de Almeida. (2026).

É importante ressaltar aqui, que alguns destes filmes nacionais, assistíamos em repúblicas durante o tempo da faculdade. Entre outros filmes também. Reuníamos os colegas de diferentes cursos, assistíamos, fazíamos o famoso “macarrão no balde”, e isso era formativo também, as discussões, os atritos sobre os filmes escolhidos, os namoros durante as sessões, tudo isso compunha um cenário o qual a diversão era garantida e era motivo de reunir os amigos e turmas desta época. Havia uma briga danada sobre quem eram os melhores atores e atrizes do cinema nacional. As atrizes mais bonitas. Os melhores diretores. Debatíamos sobre isso. Sobre os diretores⁶ principais do cinema nacional, aos quais destacamos alguns aqui: Nelson Pereira dos Santos (1928-2018), Luiz Carlos Barreto (1928), Helena Solberg (1938), Glauber Rocha (1939-1981), Fernando Meirelles (1955), Walter Salles (1956), Tata Amaral (1960) Anna Mulayaert (1960) José Padilha (1967). Os colegas do Curso de História contribuíam muito.

Tabela 02-Temáticas atuais-filme nacional

O agente secreto
A que horas ela volta?
Ainda estou aqui
Tropa de elite
Meu tio matou um cara
O turista
Tainá e os guardiões da Amazônia
O cortejo de Oyá.
Baby e Betânia
Homem com H
Oeste outra vez
Kasa branca
Cidade, campo
O amanhã é hoje
Uma verdade mais inconveniente
Pedágio
Mussum, o filmis.
O menino da porteira.
Cazuza- O tempo não para.
Como nossos pais.
Ainda estou aqui.
O palhaço.
Eu não quero voltar sozinho.

Organização: BORGES, Joyce de Almeida. (2026)

⁶ <https://artecult.com/dia-do-cinema-brasileiro-122-anos>.

Conforme podemos observar a tabela 02, a produção do cinema brasileiro é muito rica. E produzido numa linguagem capaz de aproximar pessoas de diferentes localidades, culturas e realidades. A escola é um espaço privilegiado para divulgação dessas produções artísticas e educativas. Nesta perspectiva, o cinema pode compor uma das ferramentas de ativismo político, pode ser uma mola propulsora para expor temas urgentes, como os temas do cinema indígena, das comunidades periféricas, etc. Neste mosaico, discutiremos a seguir uma proposta de ensino e cinema⁷ na educação formal.

2.Linguagem fílmica e educação

*Achei um 3 x 4 teu e não quis acreditar que tinha sido há tanto tempo atrás
Um bom exemplo de bondade e respeito, do que o verdadeiro amor é capaz
A minha escola não tem personagem, a minha escola tem gente de verdade
Alguém falou do fim do mundo, o fim do mundo já passou, vamos começar de novo
Um por todos, todos por um.*

*O sistema é mal, mas minha turma é legal, viver é foda, morrer é difícil, te ver é uma necessidade,
vamos fazer um filme... (Música de Legião Urbana⁸, 1993)*

A produção cinematográfica é um texto gerador. Há uma magia no encontro com as imagens. Com o som. Com os personagens. A sala de cinema é uma aula. É uma aventura do conhecimento. Uma experiência sensorial. O filme é uma importante ferramenta didática, de mesmo valor equiparado ao uso de jornais, histórias em quadrinhos, literaturas, pinturas, reportagens, dados gráficos, mapas e documentos históricos nas salas de aula. (BUENO, 2013). Recomenda-se a elaboração prévia de roteiro com perguntas sobre os filmes e documentários aplicados, bem como uma discussão antes e posterior a exposição do material. Perguntas ampliadas após a exibição das histórias também auxiliam na aprimoração e fixação de conceitos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, estipula a obrigatoriedade da exibição de pelo menos duas horas mensais de filmes de produção nacional em todos os níveis da educação básica. A medida visa democratizar o acesso à cultura e valorizar a indústria audiovisual do país. Com a BNCC, de 2014 essa lei passa a ser muito bem vinda pra essa nossa realidade brasileira e latino-americana, carente de acesso à cultura cinematográfica.

⁷ <https://cinenaescola.org/>.

⁸ Filmes como “Somos tão jovens”, ilustra a trajetória desta banda e sua inserção no cenário do Rock brasileiro nos anos de 1980. O ator Thiago Mendonça interpreta o vocalista Renato Russo nesta narrativa. Outros filmes retratam outras importantes músicas desta banda, como “Eduardo e Mônica e Faroeste Caboclo.”

Sendo assim, optamos por exemplificar na tabela 02, os 28 filmes exibidos e discutidos de 2007 a 2020 e aulas de Geografia em cursos de licenciaturas da UEG, em cursos, especializações, e turmas de escolas públicas a partir da experiência docente da presente autora. A relação entre conteúdo e imagens, histórias e problematizações é o que faz do filme uma peça valiosa na construção de um pensamento mais crítico e emancipatório.

Tabela 03-Filmes que retratam conflitos territoriais-políticos e críticas ao capitalismo, questões de identidade, paisagens e questões ambientais.

Parasita	Educação proibida
Jardineiro fiel	Ilha das flores
Bacurau	Roda Viva-Milton Santos
O povo brasileiro	Ladrão de bicicleta
Mulheres das águas ⁹	Carandiru
Cidade de Deus	Da servidão moderna
Sertão Velho Cerrado	Amazônia sociedade anônima
O sonho de pedra-Ailton Krenak	O veneno está na mesa
Pantera negra	Diamante de sangue
Travestis da rua da frente	De gravatas pretas e unhas vermelhas
Caramuru	Guerra de Canudos
Zumbi dos Palmares, presente na luta!	Democracia em vertigem
Em busca dos corais	A última floresta
Lixo extraordinário	Nosso planeta

Organização: BORGES, Joyce de Almeida. (2022). Seleção de principais filmes e documentários sugeridos ou aplicados em escolas públicas e cursos de formação com estudantes de Itapuranga, Goiás, Minaçu, Aparecida de Goiânia e Goiânia nas aulas e disciplinas ligadas a Geografia Humana e a educação. Dados publicados na Revista *Bulding the way*. (UEG)

As aulas de Geografia são um prato cheio para filmes e discussões apontadas em documentários ambientais, políticos e históricos. Cabe ao professor se apropriar dessa metodologia a inserir da melhor maneira em seus currículos e práticas docentes. O tempo a ser realizado na atividade necessita ser calculado, as informações principais a serem discutidas, os contextos particulares de cada escola e momento a ser problematizado. Por exemplo, o filme “*Democracia em vertigem*”¹⁰ coube como uma luva em um momento político a qual o Brasil

⁹ O documentário “mulheres das águas foi trabalhado durante a disciplina de Hidrogeografia e durante uma especialização de Identidade, região e cultura. Mostra a sobrevivência das mulheres do nordeste em regiões de mangues. As dificuldades na rotina de trabalho e a pouca valorização destas mulheres nos faz refletir muito.

¹⁰ Democracia em Vertigem (2019) é um documentário brasileiro dirigido por Petra Costa, antropóloga. A obra mistura imagens de arquivo e cenas exclusivas de bastidores com relatos pessoais da diretora para narrar a história

passava. Os próprios estudantes sugerirem filmes e organizar o debate, também é muito rico. Cada disciplina chama determinadas temáticas, sendo assim o currículo vai moldando também alguns filmes que se encaixam melhor nas exposições e com uma pipoca e alguma criatividade a mais, a aula pode se tornar um atrativo capaz de despertar um maior interesse entre os estudantes.

Já os filmes “Sertão velho cerrado, o veneno está na mesa, a servidão moderna”, fazem uma crítica ao uso de agrotóxicos, as implicações da exploração do capitalismo, bem como as transformações e devastações do Cerrado auxiliam os estudantes a comporem um leque bem estruturado de informações para filosoficamente melhor pensar o mundo e a estrutura social a qual estamos inseridos.

A história do Brasil, as diferenças entre as classes sociais, e os códigos de comportamento de diferentes grupos também podem ser bastante percebidos, para recomendar novas formas de pensar e expressões que possibilitam estratégias de compreensão da realidade capaz de transformar os caminhos e fases do individualismo e das desigualdades arraigadas.

3.Oficinas, extensão e debates no Campus Cora Coralina (UEG-Cidade de Goiás)

Os cine debates e seminário de filmes como metodologias participativas e como métodos avaliativos de aprendizado foram apropriados no ano de 2025, durante a disciplina de Psicologia da educação. Neste processo tivemos a preocupação em não apenas levar o cinema como ilustração dos conteúdos, mas incentivar os estudantes a construir uma reflexão histórica, crítica, entende-o como documento, e não como substituto da aula ou do professor.

Detalharemos alguns dos filmes, documentários e vídeos os quais aplicamos temas para discussão e apresentação realizada pelos próprios estudantes da UEG-Cora Coralina. Entre as dificuldades encontradas, tivemos a falta de acesso a alguns nomes específicos, contudo optamos por distribuir entre os estudantes, com os filmes “Estrelas do tempo”, “O gênio indomável” e “uma mente brilhante.”

Exibimos o filme “uma mente brilhante” se passa em Nashville, em 1930, foi lançado em 2002, trata-se de um drama biográfico, com duração de 2 horas e 15 minutos. É uma história importante para compreendermos transtornos da saúde mental e a luta contra a doença de

política recente do país, desde a ascensão do Partido dos Trabalhadores (PT) até o impeachment de Dilma Rousseff e a polarização da sociedade.

esquizofrenia¹¹. John Forbes Nash, criou a teoria dos jogos, ganhou um prêmio Nobel e tentou a vida inteira resolver equações. Casou-se aos 21 anos, com Alícia.

Nash era tão inteligente que as pessoas não o compreendia. Era considerado “fora da caixa”. Sua personalidade se aproximava de vários inventores ou personalidades mundiais como Copérnico, Lutero, Bill Gates, Thomas Edson, Da Vinci, Isaac Newton, Galileu Galilei, tinha um parafuso a menos ou a mais... Já na primeira cena do filme, com Martin e Rasson, na faculdade, Nash zomba dos colegas dizendo que não havia nada de genial no que eles escreveram sobre equações lineares e códigos nazistas.

Como a maioria dos gênios, Nash tinha um período de superprodução e outro de procrastinação. Ele tentava fazer várias coisas mas ninguém dava muita credibilidade para ele. Os esquizofrênicos possuem a criação de arquétipos e além de ver e conversar com outras pessoas (espíritos¹²). Desprezava a sabedoria convencional.

John Nash era muito racional e pouco emocional. Tinha uma verdadeira obsessão em “encontrar uma ideia original”, descrevia logaritmos. Dizia que “as aulas destroem a criatividade”. Em uma das cenas ele perde o jogo com os colegas e sai aborrecido.

Posteriormente, em uma cena com uma moça loira, ele foi bastante machista na conquista, querendo a levar para a cama, sendo bastante direto: “será apenas uma troca de fluidos orgânicos”. E o seu grupo de amigos querem teorizar até as conquistas amorosas.

Nash passa a se dedicar a construção de teorias. Cria uma teoria econômica para confrontar Adam Smith. Consegue um emprego em um laboratório. A partir de 1950 nazistas passam a se refugiar na América Latina. E ele passa a desenvolver trabalhos secretos.

O personagem começa a dar aulas em uma universidade. Diz frases muito filosóficas como a de que cálculos diversos também possuem soluções variadas, e outros cálculos que podem levar a vida toda. Uma de suas alunas o convida para jantar, ele se assusta, se surpreende, mas aceita. Tomam uma champanhe e diz “estar praticando a interação humana e o convívio social”, “não acredita em sorte, mas no valor das coisas”.

Alícia era bem inteligente também, ele pede para ela falar um objeto, ela diz: - Sombrinha! Nash pega a mão dela e desenha o objeto no céu, um caminho nas estrelas. Afirmava estar:

¹¹ Stefen Rock Rawinck, no filme “A teoria de tudo” também era um gênio que lutou contra uma doença “ella”, degenerativa, mesmo doente conseguia trabalhar com a mente.

¹² Joris Harman era o amigo que dividia o quarto com Nash, ficava falando enquanto ele trabalhava e tinha uma sobrinha pequena, era um personagem imaginário. Em uma das cenas do filme ele discute com este colega, briga, joga uma mesa de cima do prédio e depois começa a rir.

“aperfeiçoando as interações sociais- as vezes é muito direito -os resultados não são favoráveis”. Outra frase marcante do filme foi: “Não temos certeza de nada. Essa é a única certeza que temos”.

No dia do casamento de Nash e Alícia havia um carro parado que o observava. Ele fica com medo, pede para a mulher não acender a luz. Durante sua aula em um auditório, homens entram atirando e ele fala: “Expectativas traídas pelos números”.

O personagem começa a ver coisas, querem interná-lo e o capturam na universidade, neste momento ele afirma: “São os russos!!!”. Ganha uma injeção e é internado. O médico orienta Alícia a ajudá-lo diferenciando o que é real do que não. Ela diz a ele que está doente, e ele sai de perto dela decepcionado. Em seguida, recebe medicamentos na veia e choques.

Alícia teve um bebê, John Nash parou de ter alucinações com os remédios. Falou com os lixeiros a noite, e Alícia percebeu que era real. Ficou aliviada. Um amigo pergunta a Alícia como ela se sente, e ela diz que as vezes sente raiva e culpa por querer deixá-lo. Mas sente-se na obrigação de cuidar dele. Em uma das cenas eles não conseguem ter relação sexual, Alícia se frustra, tem um ataque de nervos, Alícia é machucada em meio a uma discussão, pega o bebê e sai, depois volta. Alícia insiste em ficar com ele, o acaricia, o abraça e o acolhe.

O doutor vai visitá-lo. Quer que volte a utilizar os remédios novamente. Nash não aceita. 2 meses depois ele retorna para a universidade. Tem novos ataques esquizofrênicos, seu amigo da faculdade o abraça também. Deixa seus fantasmas de lado, ignora-os. Vai observar a aula de um colega na faculdade, a vida se normaliza. Um aluno se aproxima dele dizendo que quer construir uma teoria com ele. Volta a lecionar, e com a teoria “Equilíbrio”, ganha o prêmio Nobel. Recebe uma homenagem na faculdade e sua teoria influencia outras teorias econômicas pelo mundo.

Outros filmes que assistimos e debatemos em sala de aula foi Kiriku e a feiticeira¹³, exibido durante a disciplina de Psicologia da Educação já no ano de 2026. O filme problematizou o ensino africanidades na educação e trouxe elementos importantes para pensarmos o universo das diferenças, com um enredo envolvente o qual os estudantes ficarão atenciosamente assistindo a narrativa.

Sobre este, podemos descrever algumas coisas. Karabá a feiticeira secou a fonte de água da aldeia. O pai de Kiriku foi comido pela feiticeira ao lutar com ela no combate. A feiticeira tinha o domínio sobre os recursos naturais da aldeia. E Kiriku com seu tamanho minúsculo quis enfrentar a feiticeira. E os griôs, os anciões da aldeia dizia a ele para não enfrentar feiticeiros.

¹³ Um dos primeiros filmes sobre a questão de africanidades produzido em 1998 por Michel Ocelot.

Kiriku enfiou debaixo de um chapéu para que os membros da aldeia pudessem negociar com Karabá a feiticeira, ele foge correndo debaixo do chapéu, e ela acredita que é uma chapéu mágico. A feiticeira quer o chapéu em troca da paz na aldeia. O negócio tentou se estabelecer mas Kiriku com suas peripécias faz os guardiões correrem atrás dele.

Karabá a feiticeira pede todo o ouro as mulheres da aldeia. Os mais velhos dizem que simplesmente tem que obedecer. Kiriku era bem levado, o discurso de menino peralta. Pergunta porque a feiticeira é tão malvada. E os anciões dizem que a feiticeira era muito má porque havia sofrido bastante. Por isso era fria, maldosa. Tinha uma dor emocional e física. A causa da maldade era um espinho envenenado cravado em suas costas.

Colocou fogo nas plantações. Kiriku a procura e quer mostrar que a maldade dela é fruta de uma ferida não curada. E quer cura-la deste mal. Ele entra na gruta para tentar matar um monstro. Fura o monstro e a água volta a aldeia, todos ficam felizes e cantam. Em seguida, Kiriku entra por baixo da terra, arrebenta um canal de água fica afogado e todos pensam que ele tinha morrido. Depois ressurgiu, vive novamente. Se aproxima da feiticeira, consegue libertar a aldeia e casa-se com ela.

Figura 02: Filmes-cine debate: bye bye brasil e tainá e as aventuras na Amazônia



Organização: BORGES, Joyce de Almeida. (2026).

Em 2026, criamos um projeto de extensão, a qual estudantes do Curso de Turismo e História puderam participar e contribuir com o debate. Um deles, o clássico “Bye Bye Brasil” (1980), dirigido por Cacá Diegues, no cinema brasileiro. A obra acompanha uma trupe de artistas da “Caravana Rolidei” que viaja pelo interior e pelas regiões mais profundas do país. O filme retrata as transformações sociais e culturais do Brasil durante a modernização e o fim da ditadura militar. A trupe é formada pelo mágico e líder Lorde Cigano (José Wilker), a dançarina Salomé (Betty Faria) e o corcunda Andorinha. Durante suas apresentações pelo sertão e pela

Amazônia, eles encontram Ciço (Fábio Júnior), um jovem e ingênuo sanfoneiro que, fascinado pelos artistas, junta-se a eles na estrada junto com sua esposa grávida, Dasdô.

A viagem é marcada por desafios, aventuras e uma busca constante pela sobrevivência. O grande motor da fuga da caravana é a televisão, que chega aos locais mais remotos e vai substituindo o circo e o teatro de rua como a principal fonte de entretenimento da população.

Enquanto cruzam o país passam por cidades como Belém, Altamira, Maceió e chegam até a moderna Brasília, os personagens deparam-se com um choque entre a cultura popular tradicional e o avanço do progresso tecnológico e urbano.

Em um outro filme, trouxemos “Tainá e as aventuras na Amazônia”, a indiazinha era protegida por um amuleto deixado por Tigê, Tainá segue na luta em defesa da selva. Perseguida pelo traficante, a guardiã vai parar em uma pequena vila onde mora uma bióloga e seu filho Joninho, que a contragosto está acompanhando a mãe em suas pesquisas científicas.

O convívio entre eles se torna difícil e Tainá resolve deixar a vila, mas Joninho, que já planejava uma "fuga" para pregar uma peça na mãe, a segue e agora terá que aprender com ela a sobreviver na floresta. Ao poucos Tainá se torna uma guardiã da floresta.

O filme foi premiado no Festival de Cinema de Natal, em 2000, nas categorias melhor filme e melhor fotografia (Marcelo Corpanni). Em 2001, ganhou também o prêmio de melhor filme de ficção do Festival do Rio e no Chicago International *Children's Film Festival*, e o de melhor direção de fotografia no Festival de Cinema Brasileiro em Miami. *Tainá - Uma Aventura na Amazônia* foi lançado no cinemas pelas distribuidoras *Art Films* e MAM em 12 de janeiro de 2001, em cem salas, e foi assistido por 853.210 espectadores. Em 2005, foi exibido no Festival de Marseille, na França.

O roteiro didático aplicado buscava apresentar a tentativa de dominar e capturar espécies amazônicas, realizar estudos e apropriar dos conhecimentos dos povos originários são temas relevantes no filme e merecem a atenção os aspectos geográficos, históricos e políticos.

Os filmes a seguir serão abordados em temáticas ligadas ao Festival de Cinema e Vídeo Ambiental, que acontece na Cidade de Goiás desde 1999¹⁴. Este festival foi Idealizado por Luiz Felipe Gabriel, Jaime Sautchuk, Adnair França e Luís Gonzaga, sob a coordenação geral do cineasta João Batista de Andrade. De lá pra cá são 27 edições. Este festival possui uma relevância na temática ambiental, e consegue abarcar muitos temas críticos, sociais, debates urgentes, atuais que merecem estar nas telas e exibidos por roteiristas, diretores que

¹⁴<https://goias.gov.br/cultura/festival-internacional-de-cinema-e-video-ambiental-fica>.

compartilham de visões ecológicas, sustentáveis e que coadunam com perspectivas políticas de grupos envolvidos em causas coletivas.

A presente autora, chegou em Goiás, como estudante do Curso de Geografia e moradora, no ano de 2003. Sendo assim, acompanhei deste ano em diante, quase todas as edições do festival, com exceção de alguns anos que me mantive afastada morando no município de Minaçu a trabalho. Acompanhei a evolução e mudança em alguns aspectos neste festival. No início, não havia a tenda multiétnica, as salas de vídeos era realizadas pensando um público maior que lotava as primeiras edições, as ruas da Cidade de Goiás fervilhava de pessoas de todo o mundo, com o passar dos anos. As primeiras edições do FICA chegaram a receber cerca de 45 mil pessoas, de acordo com os dados da política militar.

Com mudanças nas políticas culturais e reduções de investimentos por parte do Governo Estadual, o Festival foi fortalecendo a produção de vídeos regionais. Além disso, com a pandemia do Covid 19 trouxe mudanças no formato, na organização e transmissão, e outros elementos que foram se modificando.

As atividades culturais, feiras, exposições, mostras sempre se fizeram presentes neste festival. Anteriormente, os shows musicais realizavam-se no Chafariz, hoje na chamada Praça de Eventos, entre outras coisas. Feito este recorte histórico, sigamos com a Tabela 04 para destacar alguns filmes e documentários exibidos nestes anos todos que apresentam temáticas bastante evidentes para as discussões em sala de aula:

Tabela 04- Nomes de filmes e documentários do FICA-sugestões para a sala de aula

De longe toda serra é azul	A rua do chupa osso
Floresta: um jardim que a gente cultiva	Documentário Aya
Utopia tropical	Granada
Línguas da floresta	Não haverá mais história sem nós
Jaglavak, o príncipe dos insetos	Verde cor de rosa
Tijolo por tijolo (mostra Washington Novaes)	E o galo cantou
Encontro das águas	Martírio
Entre as cinzas	Ninguém nasce no Paraíso
Mambembe	Consumidos
Entre sonho	A tradicional família Katu
Originárias	Enchente não arranca raiz
A carne é fraca	Sob controle
A cor do ouro	Paralelo 10
Rupestre	A galinha que burlou o sistema

Água viva	Serra pelada
Azul anil	Viagem na chuva
A capoeira de mestre Sabu	Terra e luz
Araguaia	Cambauba
Darcy e Lena ¹⁵	Fogaréu
Parque Oeste	Aninha
Navios de terra	Meada cor Kalunga
A mata que respiro	Mulheres indígenas na arte
Mascarados	Pop star
Pajeú	Por sol noturno
Resplendor	Atitudinal
Verde cor de rosa	Adobe: habilidades tradicionais kalunga

Organização: BORGES, Joyce de Almeida. (2026) Seleção organizada com levantamento de filmes e documentários exibidos durante o FICA.

Entre todos estes vídeos citados. Elegemos um em especial para comentarmos, o Documentário “Utopia tropical”. Este documentário exibido durante o festival FICA da Cidade de Goiás fez parte de nosso projeto de extensão do ano de 2026 na UEG-Campus Coralina, em parceria com estudantes do Curso de Turismo e História. No dia 14 de abril, o docente Lucas Pires, fez as colocações após o filme e iniciamos um debate acerca das problematizações apresentadas.

No geral, o documentário trata de discursos importantes sobre segurança nacional, ditaduras na América Latina (Salvador Allend, Pinochet), relata os “apoiadores comunistas” (padres, sindicalistas”, bem como períodos de políticas de imposição como o imperialismo praticado pelos EUA, as intervenções de Ronald Reagan, bem como os períodos de depressão econômica.

O documentário traz a guerra de classes, os períodos de inflação grave, as políticas do Banco mundial, as políticas de integração da América Latina, a dependência econômica, e as mudanças políticas mais recentes que operaram na tentativa de eliminar as ideias progressistas, com a ascensão do reacionarismo, o extremismo da ultra-direita, na dificuldade da classe burguesa em aceitar os avanços dos direitos populares das classes menos abastadas. Os comentários colocados ao longo do documentário são discutidos por Celso Amorim, com informações acerca desses temas sérios, que podem ser escamoteados por temas que geralmente

¹⁵ Este vídeo foi produzido pelo Professor Jadson Borges. Foi exibido durante o ano de 2025 para discutirmos linguagem, na disciplina de “Linguagem e produção de texto”, e durante a disciplina de Geografia de Goiás, para tratar do regionalismo e da cultura de quem vive no campo no interior da Cidade de Itapuranga.

a maioria das pessoas tentam se afastar para não lidarem com o enfrentamento. Basicamente o mais importante no debate, seria a necessidade de desconstruir os desvalores anticivilizatórios dos novos fascismos no Brasil, principalmente a negação da cultura e do ecologismo.

Tabela 05-Filmes e documentários como sugestões para a sala de aula-ensino de História, geografia e ditadura no Brasil

Que é isso companheiro?
Araguaia
Cabra marcado pra morrer
Bye Bye Brasil.
Zuzu Angel
Cidadão Boilesen
Hoje
A memória que me contam
O dia que durou 21 anos
Batismo de sangue ¹⁶
Eles não usam black tie
Lamarca
Holocausto brasileiro
Marighella
Olga
12 anos de escravidão
A lista de Schindler
O jogo da imitação
Tempos modernos
O diário de um motocicleta
Getúlio
A guerra do fogo
Pearl Harbor
Malcom X
Tropicália-documentário.

Organização: BORGES, Joyce de Almeida. (2026).

Desta seleção apontada na tabela 05, citamos o filme “eles não usam black tie” como um exemplo clássico da luta de classes, das organizações populares, enfrentamentos, confrontos, os quais nos possibilitar entender como se deu parte do processo de formação das primeiras organizações sindicais, violações de direitos, assim como posteriormente o próprio filme “Lula: o filho do Brasil” também apresenta uma narrativa da década de 1980 capaz de elucidar a história da luta de classes no nosso país e serve como ferramentas para que os mãos jovens compreendam como seu deu as lutas sociais e coletivas.

¹⁶ Filme exibido no Teatro São Joaquim durante s Semana de Integração acadêmica da UEG em 2026. Comentados pelos estudantes Saulo e Vitor, que estão matriculados no curso de Geografia e História. O Professor Valtuir Moreira mediu o debate.

Figura 03: Cenas do filme “Eles não usam Black tie”



Fonte: <https://artecult.com/dia-do-cinema-brasileiro-122-ano>

Encerramos por aqui nossas experiências didáticas aplicadas neste debate de cinema e educação, não tempos por intuito fazer síntese de nada, nem propositura de uma docência que traga exemplos, no mais suscitar reflexões, apresentar alguns resultados destas práticas e pensar novas possibilidades desta abordagem no ensino.

Considerações finais

“O cinema nos devolve a nós mesmos.” (ALMEIDA, 2024.)

Pedagogizar é uma escolha. Às vezes como escolhas apressadas (*trailer*), às vezes demoradas (longa metragem), às vezes bem pensadas, e outras nem sempre bem analisadas. Pedagogizar, exige tempo. Raciocínio. Cuidado. Beleza. Entusiasmo. Já nos alertou, Paulo Freire. Preocupação com a forma com nossos estudantes receberão nossas propostas, temas e estudos. O cinema pode ser utilizados nos mais diversos espaços formativos, inclusive em espaços não formais de ensino, como hospitais, presídios e espaços de moradores longínquos.

Mano Brown em seu *podcast* “mano a mano” nos ensinou que, “*neste país já fizemos muita coisa errada*”, e agora, “*temos que acertar, num dá mais tempo de errar*”. E nessa tentativa de querer acertar na educação, o caminho com os filmes, documentários, cine-debates pode ser uma das estratégias válidas e capazes de produzir possibilidades que encaminhem a este mundo sujeitos mais humanizados, ecologicamente melhor encaminhados, despidos em boa parte de preconceitos arraigados, capazes de provocar alterações coletivas urgentes.

As oficinas relatadas aqui neste artigo, são ponta pés para continuarmos estes trabalhos ligados ao cinema e educação, e são sugestivos para convites necessários às práticas de ensino-

aprendizagem para a educação básica e demais etapas mencionadas. Os temas políticos, ambientais e culturais são terrenos férteis para cumprir determinadas proposições que elevem a capacitação de jovens professores e jovens cidadãos que irão ensinar e aprender com o cinema. Bem como desconstruir e reconstruir valores, preconceitos, rever situações reais e pensar novas ideias do que queremos para o coletivo.

Após as exhibições dos filmes e documentários, a construção do debate é um elemento importante, porém associado a escrita pode estabelecer relações de aprendizado bastante interessantes, que podem abordar resultados críticos que permitem professores de diferentes áreas ir para o além de “levar o filme para a sala de aula” e da pipoca. Porém, é maravilhoso quando se têm pipoca. Rs... Os curta-metragens também são bastante recomendados. O acesso antigamente ao cinema era mais restrito, hoje com os *streamings*, grande parte das pessoas conseguem assistir muita coisa pelo celular, caberia o professor selecionar documentos e aos estudantes aproveitá-los da melhor forma possível.

Sinalizamos chegar ao fim destes escritos sobre educação visual. Ressaltamos ainda o poder da imaginação do espectador, como característica maior no processo ensino-aprendizagem junto ao estilo dos diretores, bem como os argumentos apresentados nas películas. Concluimos com uma ideia de Almeida (2024, p. 73): “O cinema é a invenção de um mundo que dialoga com o mundo concreto e com o mundo do espectador. O cinema é a articulação entre o real que lhe ultrapassa e o interior de quem o vê.”

Referências

AGUIAR, Cláudio Almeida. **O cinema brasileiro no estado novo: o diálogo com a Itália, Alemanha e URSS.** Revista de Sociologia e política. Nº 12: 121-129 JUN. 1999.

ALMEIDA, Rogério de. **Cinema, imaginário e educação. Os fundamentos educativos do cinema.** SP: FEUSP, 2024.

BUENO, Wilmara Rodrigues. **O cinema como ferramenta didática.** Monografia: UEG/Minaçu, 2013.

CARDOSO, Roberto Sérgio. **Educação e cinema brasileiro na Spcine** (Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo: 2026. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48137/tde-11042026-081359>.

COSTA, Antônio. **Compreender o cinema.** Tradução: Nilson Moulin Louzada. 3 edição. SP: Globo, 2003.

COUTO, José Geraldo. **Coletâneas lições com o cinema.** Vol. 2. SP: FDE, 1993.

FRANCO, Marília da Silva. **Coletâneas lições com o cinema**. SP: FDE, 1993.

Letras.mus.br/legião urbana.

MORAIS, Julierme. **Introdução ao cinema brasileiro (1959), de Alex Viany**: reflexões sobre o espaço de experiência e horizonte de expectativas do lugar de produção. Antíteses. Londrina, v.18, n. 35, p. 193-227, jan./jun. 2025.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. SP: contexto, 2003.

SOUZA, Carlos Roberto. **Raízes do Cinema brasileiro**. Revista Alceu. v.8 - n.15. - jul./dez. 2007. p. 20 a 37.